



“Borderline” - Cláudio Garrudo

27 Março / 8 Maio 2010

Galeria das Salgadeiras

Borderline, fronteira, limite...

A imagem difusa do meu corpo, a instabilidade constante do que sou... uma fronteira indefinida entre o eu e o outro, uma névoa ao espelho de uma imagem desconhecida a cada dia... sou homem, sou mulher... sou eu, sou tu, sou tudo?... sou nada... um corpo oco, uma carcaça vazia que corre sem sentido, sem travão...

- É preciso é não parar.

Não parar para não pensar, não pensar para não sentir, porque sinto sempre demais... a falta, a perda... rasgar a carne para aliviar a dor... para confirmar a existência em sangue desta dor invisível... uma explosão de raiva, de ódio, de sexo, de lágrimas... uma explosão de corpos, de gritos... e o silêncio... o desespero vazio e silencioso, sem nome, sem forma, sem ninguém... Sem limites, sem fronteiras... numa Borderland.

Ricardo Martins Ferreira ,Psicólogo

Lisboa, Março de 2010

Cláudio Garrudo apresenta na Galeria das Salgadeiras a série Borderline, o seu mais recente trabalho que tem como metáfora o funcionamento denominado Bordeline, e onde o fotógrafo explora diversas situações-limite como a morte ou a loucura, e múltiplas identidades, encarnando outros personagens. Contudo, borderline também nos remete para outras acepções de carácter mais literal: fronteira e demarcação, mas também algo que é incerto ou ambíguo. E neste sentido, Garrudo propõe uma reflexão sobre essa ténue linha que separa a sanidade da insanidade, o sossego do dessassossego.

Na série de fotografias apresentada nesta exposição, Cláudio Garrudo recorre ao seu próprio corpo como "objecto" da cena fotografada, numa dupla confrontação. Por um lado, a confrontação que o retrato per si suscita no observador. De certa forma, ao reconhecermos a semelhança com o objecto de arte, olhamos para nós próprios de outra forma, há como que uma suspensão do tempo e do espaço. Intriga-nos, comove-nos, perturba-nos num circuito (quase) directo entre o exterior e o nosso mais íntimo refúgio. E esse, talvez, seja um dos desafios deste trabalho de Cláudio Garrudo, que sejamos seus cúmplices na descoberta dos vários "eus" que cada um de nós encerra. Ou talvez não... o terreno é livre, e as leituras muito pessoais.

Por outro lado, ao fotografar-se a si próprio surge um outro confronto entre o artista e a sua arte, entre o dentro e o fora da composição, afinal ao auto-retratar-se ou auto-representar-se (questão ela própria ambígua...), Cláudio Garrudo torna-se voyeur de si mesmo, colocando-se no mesmo plano que o observador. Vêmo-nos uns aos outros e a nós mesmos.

Esta série revela-nos uma outra faceta do trabalho artístico de Cláudio Garrudo, mais existencialista, mais densa a lembrar o poema de Mário Sá-Carneiro: "Eu não sou eu nem sou o outro. Sou qualquer coisa de intermédio. Pilar da ponte de tédio. Que vai de mim para o outro.."

Ana Matos

Lisboa, Março 2010



“Borderline” - Cláudio Garrudo

27 March / 8 May 2010

Galeria das Salgadeiras

Borderline, border, limit...

The diffuse image of my body, the constant instability of what I am... an indefinite border between me and the other, each day a mist in the mirror of an unknown image... am I man, am I woman...

am I me, am I you, am I everything?... I am nothing... an empty body, an empty carcass that runs without direction, with no brakes...

- It's required not to stop.

Don't stop not to think, don't think not to feel, because I always feel too much... the absence, the loss... tear the flesh to relieve the pain... to confirm the existence of this invisible pain in blood... an explosion of anger, of hate, of sex, of tears... an explosion of bodies, of shouts... and the silence... the empty and silent despair, without name, without shape, with no one... Without limits, without borders... in a Borderland.

Ricardo Martins Ferreira ,Psychologist

Lisboa, March of 2010